Cartografia de um mundo imaginário

Felipe Scovino

 Desde 2011 Pedro Varela vem explorando uma nova fase em sua produção, que é definitivamente o que se apresenta nessa exposição. São pinturas em acrílica cujo mote advém do conceito de natureza morta, mas para discutir esse ponto voltarei daqui a pouco. O curioso é colocar esse “novo” em questão. O trabalho de Varela se constitui em uma coerência que cada vez mais se acentua. Mesmo sendo pinturas, a instância do desenho e de sua delicadeza mais sutil elaborada – características de fases de outrora – estão presentes. É uma pintura que se alimenta do desenho, e vice-versa. O pincel em determinados momentos vira uma ponta seca, tal a precisão e a suavidade com que essas ornamentações são criadas. Varela abdica do caráter projetual que o desenho poderia ter, para incluí-lo, experimentá-lo e condensá-lo à pintura. Uma suposta autonomia que eles – pintura e o desenho - poderiam ter é desmascarada por essa confluência que a obra de Varela emprega. Por outro lado, a aquosidade do acrílico empregado pelo artista reordena aquilo que poderíamos chamar de erro, isto é, o transbordamento da tinta não é algo fortuito mas, pelo contrário, as marcas, texturas e manchas tecem uma ambientação que reforça a ideia dessa natureza estar flutuando. Esse dado etéreo, construindo um jogo de sombras e volumes que denota essa suspensão da matéria aliado ao fato de Varela retirar os objetos de sua banalidade e seu prosaísmo encontra ressonâncias nas influências assumidas do artista: Archimboldo, Eckhout e Guignard. Este, ainda mais, por conta do desempenho problematizador do seu trabalho na concepção da chamada pintura de paisagem, e em especial o seu gosto pelo caprichoso e pelo decorativo.

 A natureza morta é algo que se confunde com a própria história da arte, e com a ideia de moderno, se nos detivermos ao exemplo de Cézanne. Contudo, na obra de Varela o “modelo tradicional” de natureza morta é substituído por uma vegetação que habita uma zona fronteiriça entre fantasia e realidade. Perguntamo-nos se estas plantas existem. Provavelmente, mas existe uma chance. Elas poderiam existir, talvez, a léguas e léguas no fundo do mar, e portanto nunca teríamos certeza da existência delas. Varela nos apresenta, pouco a pouco, a cartografia de um mundo imaginário, como se em algum momento e de alguma forma ele pudesse existir, que acaba por se conectar com as “fabulações produzidas pelo mundo real”, tais como a literatura (fantástica, passando por Júlio Verne) ou o cinema (os filmes de ficção científica ou os chamados “filmes de aventura”). Essa contradição - da aparição da forma - é explorada pela própria dificuldade histórica em se encontrar o pigmento azul.

Suas naturezas mortas variam entre um estereótipo (psicodélico) da tropicalidade e o kitsch. A chamada pintura de paisagem assim como o desenvolvimento da natureza morta e do retrato na história da arte brasileira entre os séculos XVII e XIX possuem um caráter de construção de uma identidade e de um lugar que não necessariamente correspondiam à realidade, mas que criaram e sustentaram por muito tempo uma série de mitos e alegorias sobre o que deveria ser o Brasil. Como acentua Barbara Berlowicz sobre a obra de Eckhout: “O escravo negro com sua espada majestosa, a arma preciosa do mestiço e, sobretudo, a mulher canibal Tapuia segurando restos de um corpo humano estão em tão perfeita consonância com a visão e o esquema preconcebidos do mundo não europeu, que se mostrariam falsos se submetidos a um exame acurado.”[[1]](#endnote-1) É um exemplo de o quanto o estereótipo a respeito do nosso (suposto) exotismo é documentado/sustentado há muito tempo. Uma tropicalidade que varia entre o mito da malandragem e do gingado aos tecidos kitsch de mesa de bar e cortina. E é esse último exemplo aliando-se a um dado do jocoso, de uma fina perversidade, de contrapor ao desejo do que se espera ver que a natureza morta de Pedro Varela também se faz.

1. BERLOWICZ, Barbara. Pinturas de Alberto Eckhout - Interpretação de Conteúdo e Técnica. In: VRIES, Elly de; DOURADO, Guilherme Mazza (org.). Albert Eckhout volta ao Brasil: 1644-2002. Copenhagen: National Museum of Denmark, 2002, p. 206-207. [↑](#endnote-ref-1)